

05/06/2012

Belfast, 14 de junho de 2012

**Encontro ecumênico
Catedral Anglicana de Belfast**

A cultura da confiança
Maria Voce

Caríssimos amigos,

Estou muito contente de estar hoje aqui com vocês.

Agradeço ao Reverendo John Mann pelo seu convite para estarmos juntos este momento e saúdo cordialmente as autoridades religiosas e civis e cada um dos presentes.

Recentemente Belfast teve visibilidade mundial no Movimento dos Focolares por participar do Run4Unity, o revezamento virtual dos jovens. Nesse revezamento, o bastão passou de país a país, atravessando o globo, para cobrir o mundo com um arco-íris de paz e de unidade, promovendo a atuação da Regra de Ouro.

A etapa na Irlanda do Norte foi feita em Stormont. Com mais de 400 jovens, estavam representantes políticos de vários partidos e líderes religiosos. Aproveito a ocasião para agradecer alguns dos presentes pela própria contribuição e apoio.

Pediram-me para falar hoje sobre o tema: *“Construir a comunhão através da cultura da confiança”*.

Soube que o Acordo da Sexta-feira Santa¹ evidencia o desejo de um novo início, fala de ‘dedicar-se à vivência da reconciliação, da tolerância e da confiança recíproca’.

Para nós, cristãos, o vínculo entre construir a comunhão e a cultura da confiança tem como fundamento Deus.

¹ Ou Acordo de Belfast

Se Deus, que é em si mesmo amor e por isso comunhão, nos ama imensamente e confia que nós podemos criar a comunhão em todos os pontos da terra, unindo-nos no Filho Jesus, na comunhão do Espírito Santo, também nós podemos e devemos confiar uns nos outros e levar em frente este projeto maravilhoso.

Recentemente estive na Guatemala, onde encontrei pessoas das diversas culturas que compõe este povo: maia, garifuna, xinca, mestiça... Naquele contexto nos dissemos quanto é importante, num mundo que precisa de coesão e de solidariedade, deixar cair uma prevalente “cultura da desconfiança” para tomar com decisão o caminho de uma “cultura da confiança”. Ela é necessária tanto para os nossos sentimentos pessoais diante de outras pessoas, como para construir com seriedade, todos os dias, um fundamento cultural novo, fonte de uma convivência social que respeita a diversidade.

Como podemos promover esta cultura? Hoje gostaria de elucidar três elementos: a arte de amar, que podemos descobrir no Evangelho; o amor recíproco que desabrocha em um pacto; e Jesus Crucificado e Abandonado, modelo e chave do amor.

Naturalmente, falo à luz da espiritualidade da unidade, característica do Movimento dos Focolares, que represento.

A Arte de amar

Desde o início do Movimento dos Focolares, que surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, uma das coisas que o Espírito Santo sugeriu a Chiara Lubich foi aquela de viver o Evangelho. Ela compreendeu que ele continha uma “arte” de amar que gera a comunidade, colocando como base novos relacionamentos de confiança. O amor que Jesus trouxe a esta terra, de fato, tem características típicas que estimulam a confiança. Por exemplo:

1) o amor cristão toma a iniciativa no amor, não espera ser amado, não ama por interesse ou por outros motivos. Assim fez Jesus, como se lê na carta aos Romanos: «Enquanto éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós» (*Rm* 5, 5);

2) o amor cristão consiste em «amar o próximo como a si mesmo» (cf. *Gl* 5,14). O outro é realmente um “outro eu”;

3) o amor cristão impele a agir como o nosso Pai celeste “que faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5, 45). Isto é, o amor evangélico nos leva a amar a todos, realmente todos, sem as usuais distinções que facilmente fazemos entre pessoas de vários partidos, igrejas, pontos de vista;

4) o amor cristão ama até mesmo o inimigo: «amai os vossos inimigos – afirma Jesus no Evangelho de Mateus – e rezai por quem vos persegue» (Mt 5, 43-48).

Vivendo esta arte, que deve ser aprendida todos os dias, irradia-se a confiança.

Conto-lhes uma experiência. Há vários anos as famílias do nosso Movimento fizeram um dado. Nós o chamamos o “Dado do amor”. De cada lado está escrita uma frase que recorda como amar. Todos os dias jogamos o dado e procuramos viver aquela frase evangélica durante o dia, para, no momento oportuno, partilhar as experiências.

Flor de Maria, uma menina do México, conta a sua experiência: “Nos momentos difíceis procuro amar sempre. Um dia papai e mamãe estavam brigando. Fiquei triste e pensei: ‘Como gostaria que fossem felizes! O que posso fazer?’ Fui falar com José e Juan, os meus irmãos. Com papel colorido fizemos corações e flores e colamos na parede; fomos até papai e mamãe que estavam vendo televisão em silêncio... Apagamos a tv e cantamos uma canção sobre o amor entre nós. Eles pediram desculpa e mamãe começou a chorar de alegria. Também eu fiquei muito contente, porque finalmente voltou a paz na família e agradei Jesus”.

A arte de amar não é só para as crianças ou as famílias, é claro.

Friedrich Aschoff, da Igreja Evangélica Luterana na Alemanha, impelido pelo Evangelho, no 50^o aniversário da conclusão da II^a Guerra Mundial, junto com outros que aderiram ao projeto, tomou a iniciativa de visitar os 23 países invadidos pelo exército de Hitler para reconhecer a culpa do seu povo, e rezar, pedindo perdão a Deus. Surgiram assim muitos “caminhos da reconciliação” em lugares associados tradicionalmente com o mal. Existem muitas histórias comoventes e de reconciliação vividas em Israel, no Reino Unido, na Rússia, na Polônia com o início de novas amizades.

O Amor Recíproco

Nos primeiros tempos do Movimento dos Focolares, sempre diante da morte por causa da guerra que enfurecia, o Espírito Santo suscitou no coração de Chiara e das suas companheiras o desejo de apresentar-se diante de Deus tendo vivido, pelo menos nos últimos instantes, aquilo que mais do que tudo estava no coração de Jesus: o mandamento novo. “Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei; como eu vos amei, assim amem-se também vocês uns aos outros” (Jo 13, 34). Trata-se do amor que dá e que sabe receber, isto é, o amor que é recíproco.

Este desejo foi selado com um pacto. Olharam-se nos olhos e decidiram: “Eu estou pronta a morrer por você”, “Eu por você”. Uma pelas outras. Ainda hoje procuramos viver assim e renovamos com frequência este pacto. Certamente, nem sempre nos é pedido para dar a vida física pelos irmãos, mas de modo espiritual sim, servindo a todos e ajudando-nos também nas pequenas coisas.

Também o perdão recíproco é expressão do amor recíproco e nos impulsiona a nos vermos como pessoas “novas” todas as manhãs, esquecendo-nos dos defeitos vistos no dia precedente!

O pacto do amor recíproco não se limita somente ao relacionamento entre os indivíduos, mas é possível vivê-lo entre comunidades. Ele é atuado, por exemplo, entre as 250 comunidades e movimentos na Europa que aderem ao projeto “Juntos pela Europa” para contribuir para dar uma alma à Europa política e econômica.

Em Londres no mês de setembro, no contexto do encontro ecumênico anual dos bispos amigos do Movimento dos Focolares, mais de trinta bispos de várias tradições se reuniram no Santuário Anglicano do primeiro mártir da Grã-Bretanha, St Albano. Depois de terem lido juntos no Evangelho de João, a oração de Jesus pela unidade, num clima caloroso de amor fraterno, assinaram um “Pacto” de amor recíproco em que prometeram amar-se a ponto de dar a vida e amar as igrejas alheias como a própria.

O Bispo Anglicano Robin Smith afirmou: “Para mim esta é uma experiência profundamente espiritual. Eu me sinto profundamente ligado a esses bispos. Existe um vínculo profundo de respeito e ao invés de tirar algo da nossa unidade, as nossas diferenças nos enriquecem.”

Em Fontem, na República dos Camarões, com o encorajamento de Chiara Lubich, que a visitou em 2000, dois fons (isto é, dois reis) de

duas tribos, que antes não mantinham bons relacionamentos, estreitaram um pacto de amor recíproco, conduzindo seus povos a um relacionamento novo, quase um novo início político da fraternidade entre esses povos.

Sim, fazer um pacto de amor recíproco gera um espaço no qual podemos crescer na confiança recíproca. O pacto nos fortifica na caminhada.

Jesus Crucificado e Abandonado

Não há dúvida que chegam as provações, porque enquanto estivermos nesta terra sempre existirão. Por isso temos sempre diante de nós, como modelo, a figura de Jesus crucificado no momento em que, tendo a terrível impressão de que o Pai o abandonava, gritou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (*Mt 27,46*). Todavia não se deteve no abismo do sofrimento, pois dizendo: “Em tuas mãos, Pai, entrego o meu espírito” (*Lc 23,46*), Ele o superou, ganhando assim a Ressurreição e recuperando para todos nós a comunhão com Deus e entre nós.

Quem mais do que Ele podia duvidar do amor de Deus e julgar o comportamento dos malfeitores? Mesmo assim ele continuou a acreditar no amor do Pai e a amar também nós, homens. Aqui está o modelo da cultura da confiança que gera a comunhão. Também quando não vê o positivo, acredita, tem confiança, ama.

Jesus Abandonado na Cruz é a figura do fracassado, do traído. É o medroso, o desorientado, pergunta “por quê?”. Mesmo assim, aos que se sentem semelhantes a Ele e aceitam partilhar com Ele a sua sorte, eis que Jesus resulta: para o desesperado a esperança, ao traído a fidelidade, ao fracassado a vitória, ao medroso a ousadia, ao triste a alegria, ao incerto a segurança, ao desanimado a confiança.

Portanto procuramos imitá-lo superando cada provação, inclusive as tentações contra a confiança.

Foi esta a experiência de Sally McAllister, uma das primeiras pessoas de Belfast a conhecer o Movimento. Quando voltou a Belfast, depois de passar um período na Itália, onde conheceu a nossa espiritualidade numa das Mariápolis permanentes do Movimento que possuem como lei o amor recíproco, se encontrou diante de um primeiro

desafio. Estava indo comprar leite com uma amiga e viu uma gangue de jovens na saída da loja, prontos para agredi-las. Ela foi logo atingida por um tijolo. Sally pensou: “se eu acredito na vida que vi naquela Mariápolis, ou seja, no amor recíproco, este é o momento de colocá-lo em prática. O perdão começa aqui”. Foi o seu primeiro encontro com Jesus Crucificado e Abandonado. Encontrou a força para perdoar e começou a viver num modo novo.

Sim, Jesus Crucificado e Abandonado é a “lei” que deve plasmar todos os relacionamentos, não só entre os cristãos, mas também entre ministros e fiéis, entre as Igrejas, entre as comunidades, também nas tensões que podem surgir entre nós. É com o amor a Jesus Crucificado e Abandonado que encontramos a força para ir além das dificuldades.

Há muitos anos duas escolas de Belfast, pertencentes a facções opostas da comunidade, muito dividida na época, aqui na Irlanda do Norte, trabalham em estreito relacionamento para projetos comuns. Nos últimos anos uma escola do município de Kildare, na República da Irlanda, se uniu a elas neste projeto. Juntas construíram fortes relacionamentos de confiança e fraternidade.

Em 2009 uma dessas escolas, a escola fundamental de Whitehouse, em Newtownabbey, foi completamente destruída por um incêndio culposo. Vendo neste sofrimento o semblante de Jesus Crucificado e Abandonado, alguém teve a ideia de organizar um concerto de solidariedade intitulado “Todos por todos”. O concerto foi um grande sucesso e sobretudo um testemunho, como afirmou o prefeito unionista ao agradecer: “Vocês estão dando um forte testemunho na comunidade”.

David Stevens, da comunidade de Corrymeele, um grande protagonista da reconciliação na Irlanda do Norte, comentando o vínculo proposto por Chiara Lubich entre a unidade (a comunhão) e Jesus Abandonado, afirmou que foi Ele (Jesus Abandonado) que guiou Chiara – e deveríamos segui-la nisso – lançar pontes de compreensão com os outros.

Jesus Abandonado revela paradoxalmente a tenacidade do diálogo de Deus com a humanidade. Ele não se rende. Será ele a oferecer o tempo e o espaço. É Ele o Deus-relação de que precisamos.i

Conclusão

Caríssimos amigos, cheguei à conclusão.

O projeto de Deus para nós, como para toda a humanidade, é a comunhão, reflexo da vida trinitária de Deus. Vivendo a arte de amar, especialmente o amor recíproco, e reconhecendo e amando Jesus Abandonado em cada aspecto, desconfiança e dificuldade que encontramos nos nossos relacionamentos, tornamo-nos homens e mulheres que sabem confiar e assim gerar a comunhão.

Aqui em Belfast não se pode deixar de pensar com gratidão, nas muitas iniciativas levadas em frente com heroísmo para a realização e o consolidamento da paz.

Não se pode deixar de pensar que as lágrimas derramadas durante os anos das desordens, prepararam o terreno para uma nova primavera do Espírito da reconciliação e da confiança da qual a Irlanda do Norte está se tornando cada vez mais um modelo.

Que seja assim cada vez mais para a glória de Deus. Ele não se deixa vencer na confiança e saberá premiar os nossos esforços para construir a comunhão com a Sua presença como prometeu em Mt 18-20: “Onde dois ou mais estiverem reunidos no Meu nome, lá estou eu no meio deles”.

ⁱ Corrymeela Service of Dedication, January 2009, Leader’s Address